**Capítulo 1 – Pré-História e Primeira Infância**

 Desde sempre que o Homem tem sede de notícias simultaneamente exatas, completas e frescas, e é na rapidez que a concorrência joga de forma mais patente. Efetivamente, desde a origem dos tempos que uma notícia apenas adquire todo o seu preço quando se possui a sua exclusividade provisória.

 Se começarmos pelo mais primitivo, pela origem, o primeiro dos meios de comunicação social é a indicação pública de um facto muito simples e que podemos prever num tempo em que a escrita não existe. Um corte numa árvore, um ramo quebrado significam aos olhos dos homens primitivos a aproximação do inimigo ou, então, que a caça passou por aqui ou irá passar por ali. Vários sinais óticos figuram na mesma categoria, por exemplo o fumo durante o dia ou a chama durante a noite, ou também os sinais acústicos, como o tam-tam familiar entre os Africanos.

 É curioso notar que este processo, evidentemente muito elementar, subsiste aqui e ali ainda hoje. Assim o é para a eleição dos papas. Na Praça de são Pedro ficamos a saber que um soberano pontífice foi eleito pelo conclave quando aparece um fumo branco; em compensação, um fumo negro significa que o último voto dos cardeais foi indeciso e que estes continuam a deliberar.

 Efetivamente, depressa se procurou acrescentar informações próprias a estes conhecimentos elementares e fundados numa escolha binária (em que há 2 resultados possíveis); graças a mensagens mais pormenorizadas, ou seja, ao imprevisto. Antes da época da escrita existia apenas um canal: a palavra apoiada na memória.

 O acontecimento mais simbólico é o episódio do corredor de Maratona, em 490 a. C.: após a vitória dos Gregos sobre os Persas, o mensageiro percorreu os 42195 Km até Atenas, onde depois de anunciar num sopro o sucesso da sua pátria, morreu de esgotamento.

 A chegada da escrita modifica este quadro, tanto mais que, grosso modo, é contemporânea de uma domesticação dos animais que permite aumentar a velocidade de circulação de notícias. O cavalo faz mais do que duplicar a velocidade de um corredor a pé.

 **Desde as civilizações antigas que existem lugares privilegiados de circulação de notícias que são as feiras, a ágora, o fórum ou o templo. É na ágora e no fórum que na Grécia e em Roma se afixam as notícias do dia.**

 Desta forma, a partir do séc. XV e durante o século XVI, assiste-se ao aparecimento de uma rede de circulação de informações cada vez mais densa, testemunhada pela expansão das “notícias manuscritas”. A partir dos grandes centros de negócios, especialmente da Alemanha e da Itália, partem informações resumidas sobre a situação económica e sobre a situação política. São psotos lado a lado e recopiadas a toda a velocidade por escribas.

 **É então que aparece a imprensa, inventada por Gutenberg em Estrasburgo, em 1438.**

 No Ocidente, o primeiro livro sai das tipografias de Lião em 1473 e, quase de seguida, aparecem as notícias impressas, a princípio sem regularidade.

 Desde os tempos recuados que a imprensa define-se por 3 facetas principais: as **informações gerais**, os **fait-divers** (remetem a temas não muito sérios e sem comprometer seriamente ninguém), e a **imprensa de opinião**, que se esforça por ter peso nos assuntos públicos.

 A etapa seguinte é marcada pelo aparecimento de uma regularidade na publicação, pela instauração deste laço particular entre o jornalista e o leitor, que constitui o encontro a prazo fixo.

 Desde o séc. XVII que se desenham muitos dos traços que são ainda os da imprensa de hoje. O leque de géneros é já muito grande, enquanto esta nova profissão começa a alargar a sua liberdade contra os adversários habituais, que constituem o desejo de intervenção dos Governos, o dinheiro corruptor e também um certo número de favores de grupos.

 A par dos jornais de interesse geral, do tipo “gazeta”, que alinham sucessivamente informações militares, políticas, económicas, aparecem as 2 outras categorias já realçadas: os orgãos de cultura e os orgãos de entretenimento ricos em *fait-divers*.

 Esta imprensa nascente, balbuciante, trava os seus primeiros combates pela liberdade. Primeiro contra os Governos. De início preocupam-se com este novo instrumento e reagem perante o desconhecido com um reflexo vulgar: com o medo, multiplicando as proibições ou punições tão pesadas que levam ao desaparecimento do jornal. Depois, numa segunda fase, aparece a vontade de domesticação, de conseguir que a imprensa sirva os seus desígnios.

 A história d aliberdade de imprensa é, em suma, a história da distinção que se estabelece progressivamente entre os segredos de Estado e as notícias publicadas.

 O segundo esforço da imprensa nascente visa a aquisição de uma maior liberdade relativamente ao dinheiro da corrupção. Desde os primórdios da história dos jornais que se denunciam os articulistas venais, os jornalistas vendidos, que aceitam dizer falsidades a troco de retribuições escondidas. Desde o séc. XVII que se acusam os jornalistas de mentir para melhor vender o jornal, por vezes por preguiça (é mais fácil contar factos imaginários do que factos em que é necessária a verificação) e, sobretudo, por terem sido subornados.

 E é verdade que, muito rapidamente, os Governos descobrem as vantagens da corrupção; no seu arsenal juntam a extorsão à coerção.

 No séc. XVII assiste-se também ao aparecimento de um outro perigo: aquele que esbate a fronteira, que deveria ser absoluta, entre o conteúdo das notícias e a publicidade comercial; a publicidade disfarçada é, desde sempre, uma ameaça.

 Resta apenas afirmar uma terceira forma de liberdade: em relação aos favores de clãs próprios para abafarem a liberdade de julgamento e de crítica.

 É necessário dizer que já é visível em França uma característica específica dos ministros e, eventualmente, das gentes do comércio e da indústria, que consiste no desejo de se tornarem ilustres escrevendo, publicando e fazendo intervenções no domínio das letras.

 No séc. XVII o mundo dos jornais é conduzido a uma reflexão de conjunto acerca da verdade que veicula, acerca dos seus limites e dos seus efeitos. Poder-se-á, dever-se-á – e de que forma? – fazer um relato justo, preciso e pormenorizado do que se passa? E, em face deste problema de sempre, já se precisam 3 atitudes possíveis (e não contraditórias): uma modéstia necessária, uma inquietude recorrente e, apesar de tudo, uma confiança corroborante.

 Primeiro a modéstia: nos jornalistas deste tempo nasce, muito rapidamente, a consciência de que a natureza da profissão e a prontidão do ritmo nunca lhes deixam a mesma liberdade de ação que aos historiadores ou aos filósofos que trabalham na quietude distanciada do seu gabinete de trabalho, para escolherem o verdadeiro e o falso, para recolocarem os múltiplos acontecimentos do imediato na continuidade do longo prazo.

 E assim somos conduzidos à inquietude que se vê despontar na maioria das profissões de fé dos jornalistas desse tempo: o medo, não de enganar o povo, mas de lhe contar demasiado.

(páginas 15 – 30: *Desde a noite dos tempos; Ultrapassar o binário; Periódicos de todos os géneros; A liberdade: primeiros combates; A corrupção, já...; Redes e conluios; Três atitudes*)